

## União Europeia: uma Construção sem Limites?

**Laura Trajber Waishich**

Vencedora do Prémio “50 Anos Construindo a UE” da Delegação CE no Brasil

---

Os 50 anos de construção da União Europeia marcam grandes desafios para esta construção política. A problemática do estabelecimento de fronteiras levanta a questão de aonde serão postos os limites do projecto supranacional. De um lado há a necessidade geopolítica e, quiçá, identitária de estabelecer limites para a o projecto comunitário. Neste sentido, o desenho de fronteiras é parte integrante e fundamental para a consolidação de uma política externa comum aos países membros e, consequentemente, para a institucionalização da União Europeia como um actor do sistema internacional.

Para tanto, cabe definir brevemente o que se entende por fronteiras. Deste modo, cabe aqui uma dupla dimensão, aonde as fronteiras, internamente, dão conteúdo e coesão àqueles que já estão dentro dos limites (aos países, aos governos, às populações). Já externamente, fronteiras separam o “nós” dos “outros”, aqueles que fazem parte do colectivo delimitado daqueles que não o fazem; determina e qualifica o eu a partir da constatação da alteridade. Chegar a uma definição seria perpassar por diversas armadilhas de análise; como a tentativa de estabelecer uma identidade europeia. Na qual, aqueles que fazem parte desta entidade possuiriam algo em comum. Este elo seria dado ou pela geografia (limites naturais) ou por uma identificação a um conjunto cultural comum; uma herança tipicamente europeia. Dada a dificuldade de utilizar qualquer um destes conceitos e mesmo reconhecendo a arbitrariedade de se estabelecer o que seja a identidade europeia, propõe-se que as fronteiras, e o debate a elas ligado, estejam para definir não o que venha ser o “Europeu”, mas o que é a União Europeia – enquanto construção política, económica e social e enquanto actor do próprio sistema internacional.

Como processo paralelo e simultâneo, o ideal de construção de um modelo de representação política pós-nacional e os desafios de estabelecer processos democráticos efectivos intra-bloco produzem debates acerca dos conflitos de soberania, das formas de representação e governança em múltiplos níveis. Todos esses são desafios transfronteiriços, próprios de um mundo globalizado, e, condizentes com a realidade contemporânea mundial; ultrapassando quaisquer limites de fronteiras arbitrárias. O pioneirismo e inovação de se aventurar em um projecto comunitário são valores e procedimentos próprios da União Europeia, tornando-se também um modelo para as demais regiões do globo. O valor desta construção e deste modelo deve ser entendido não como algo a ser imitado, mas como um ponto de partida para reflexões críticas sobre outras realidades regionais ao redor do globo. Mecanismos como as políticas de solidariedade, redução de assimetrias económicas, promoção da paz e do debate democrático em múltiplas instâncias e representação do cidadão em escala supranacional; são todos desafios próprios de nosso tempo. Vividos em diferentes escalas, mas partilhados por populações que não se restringem ao continente europeu. É possível então, entender a União Europeia como um laboratório de experiências em mutação e um constante aprendizado político e humano de grande valor. Podendo e devendo ser partilhado com as demais nações do globo.

Partindo desta constatação tem-se que as fronteiras da cultura política são ilimitadas e que o modelo supranacional da União Europeia não tem fronteiras, pois sua validade é universalizada enquanto inspiração de uma possibilidade de construção colectiva.

O dilema que é apresentado à Europa é lidar com suas múltiplas fronteiras, por vezes simbólicas, por vezes materiais. Algumas devem ser delimitadas; os limites geopolíticos da construção política denominada hoje de União Europeia; outras (as do modelo supranacional) anseiam por ser deixadas em aberto; promovendo a ponte e conexão entre as nações europeias e as demais nações do globo. São ilimitadas.

Neste sentido, o grande desafio da União Europeia se faz em distinguir que fronteiras são vitais para a continuidade de seu projecto político e, portanto devem ser delineadas, e quais devem permanecer em aberto; dialogando com o mundo exterior.